

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

FEIJÃO 1ª SAFRA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

1ª Safra 2020/21 (safra das águas)

Com o gradativo retorno das chuvas, aos poucos os agricultores voltaram a semear. A estimativa é de que 72% do total da área foi plantada, índice superior ao ano passado, que no mesmo período era de 67%. Cerca de 84% das lavouras estão em condições boas e 15% em condições médias.

Conjuntura Nacional

A safra nacional 2019/20 finaliza nos meses de outubro e novembro deste ano, e com este quadro de baixa oferta deverá continuar dando sustentação às cotações até meados de dezembro, quando começa a entrar no mercado, com maior intensidade, a mercadoria da safra 2020/21, procedentes dos Estados de São Paulo e Paraná.

Os preços devem continuar aquecidos, vez que as colheitas em curso não estão sendo suficientes para atender a contento a demanda.

FRUTICULTURA- BANANA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

A banana - considerando a de cozer - lidera a produção de frutas no mundo: foram 155,2 milhões de toneladas colhidas em 11,4 milhões de hectares no ano de 2018 (17,9% de 867,2 milhões – FAOSTAT). A Índia concentra 19,8% deste volume, enquanto China, Filipinas, Colômbia e Indonésia representam, pela ordem, 7,5%, 6,0%, 4,7% e 4,7% da produção.

Nas exportações e importações globais também é a primeira fruta em importância, participando com 27,2% das 85,3 milhões de

toneladas e 14,4% dos US\$ 79,9 bilhões do comércio da fruticultura em 2017, um agronegócio mundial de quase dois séculos.

O Brasil figura como sétimo produtor mundial e representa 4,4% da bananicultura do globo. Para 2020 a produção nacional, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, está estimada em 6,8 milhões de toneladas a serem colhidas em 458,9 mil hectares, sendo a segunda fruta em área, volume e valor bruto da produção/VBP da fruticultura nativa. (FRUTI/BR 2018: 2,3 milhões de ha; 40,9 milhões de t. e R\$ 33,5 bilhões).

O estado de São Paulo lidera o cultivo no país, respondendo por 15,7% dos volumes e tem no Vale do Ribeira a sua principal atividade agrícola, Bahia (12,2%), Minas Gerais (11,4%), Santa Catarina (10,5%) e Pernambuco (6,4%) compõem os cinco principais produtores, e juntos viabilizam 56,2% das colheitas.

Em 2017 o Censo Agropecuário contabilizou 202,5 mil estabelecimentos com bananas, estando presente de Norte a Sul do país em 3.399 municípios, abrangendo 61% das localidades brasileiras, segundo a Pesquisa Agrícola Municipal – PAM 2018, do mesmo Instituto.

A banana se posiciona no oitavo lugar na pauta de exportações das frutas frescas e contribuiu com R\$ 20,5 milhões em receitas das 65,5 mil toneladas vendidas em 2019, representando 2,9% das entradas de capital e 9,2% das quantidades.

Os principais compradores foram o Uruguai e a Argentina, com 38,8% e 33,6% das aquisições, cujos volumes foram de 31,0 mil e 26,9 mil toneladas e valores de US\$ 9,3 milhões e US\$ 5,6 milhões. As frutas in natura exportadas no ano em tela alçaram

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

volumes de 804,0 mil toneladas e US\$ 711,7 milhões totais. (AGROSTAT/MAPA)

O Paraná é o décimo primeiro produtor nacional em relação às colheitas e o 15º em VBP, com uma área colhida em 2019 de 8,5 mil hectares, produção de 194,7 mil toneladas e VBP de R\$ 164,9 milhões.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Com uma área de 150 mil hectares plantados na safra de 2019/2020, o Paraná deverá produzir cerca de 3,5 milhões de toneladas de mandioca em raiz. A colheita que é realizada durante todos os meses, já enfrentou várias dificuldades este ano, devido à falta de chuvas regulares.

Além do clima, que foi complicado na atual safra, a pandemia provocada pelo Coronavírus/Covid 19 também criou dificuldades, principalmente com o transporte dos trabalhadores para efetivarem os trabalhos nas lavouras.

Em função destes problemas e ainda com os preços que prevaleceram muito baixos entre os meses de abril até agosto, a colheita seguiu em ritmo bastante lento. A partir de setembro, com a intensificação da seca que provocou muita dificuldade na colheita da mandioca, a oferta de matéria-prima para as indústrias sofreu forte queda e aumentou a ociosidade. Com a produção industrial em queda, em especial de fécula, a proximidade de entressafra e a necessidade de reposição de estoques de final de ano, iniciou-se o período de aumento nos preços.

Durante agosto, os produtores receberam, em média, de R\$ 341,00/t de mandioca posta na indústria. Porém, a partir de setembro os preços

tiveram uma ascensão muito expressiva em todos os segmentos da comercialização, e na semana de 05/10/20 a 09/10/20 este valor alcançou R\$ 537,00/t, o equivalente a 58% de aumento no prazo de 40 dias. Esse aumento nos preços certamente servirá de estímulo aos produtores que ainda não realizaram o plantio da nova safra, uma vez que esta prática se estende normalmente até o final de novembro.

Também no atacado foram registrados aumentos significativos de preços da fécula e de farinha neste período de tempo. A fécula foi comercializada em agosto a R\$ 53,00/sc de 25 kg e na semana de 05/10/20 a 09/10/20 alcançou R\$ 81,00/sc de 25 kg, o que significa uma elevação de 53%. A farinha que em agosto foi comercializada, em média, de R\$ 75,00/sc de 50 kg, subiu no período considerado para R\$ 103,00/sc de 50 kg, o que representa um aumento de 37%.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Nos últimos 10 dias ocorreram chuvas no Estado do Paraná, e com isso os trabalhos de plantio se intensificaram. O plantio da primeira safra de milho 20/2021 atingiu 78% de uma área estimada em 360 mil hectares. As condições das lavouras das áreas já plantadas permanecem estáveis, estando 85% delas em condições boas.

Os preços do cereal seguem firmes e atingindo semana após semana novos recordes de preço. Na semana passada, a saca de 60 kg foi negociada em torno de R\$ 55,30 (preço recebido pelo produtor), uma alta de 3,07% se comparada com a semana imediatamente anterior.

A produção mundial de milho na safra 20/2021 deve totalizar 1,16 bilhão de toneladas,

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

apresentando um avanço de 3,8% comparado à safra anterior. Os EUA são o maior produtor do cereal com produção estimada em 374 milhões de toneladas, seguido pela China com 260 milhões de toneladas.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Plantio segue lento

Até o dia 13 de outubro, os produtores paranaenses de soja haviam semeado pouco mais de 900 mil hectares, o que equivale a aproximadamente 16% da área estimada para a safra 2020/21 do Paraná. No mesmo período de 2019, a área semeada era o dobro, cerca de 1,83 milhão de hectares. Comparando com a média das últimas três safras, o atraso é ainda maior, pois a área semeada no período era de 2,38 milhões de hectares.

Entre os Núcleos Regionais da Seab, os maiores atrasos são em Toledo e Cascavel. Na Regional de Toledo, na média das últimas três safras, já haviam sido semeados aproximadamente 375 mil hectares, enquanto que este ano a área semeada é de menos de 10 mil hectares. Na região de Cascavel, nos últimos três anos, em média, os produtores já haviam plantado algo em torno de 468 mil hectares. Este ano, a área já semeada não ultrapassou os 186 mil hectares.

Os técnicos do Deral das duas regiões destacam a preocupação dos produtores. Primeiro a necessidade imediata do retorno das chuvas, não só para restabelecer as condições do solo para efetuar a semeadura; segundo que as mesmas ocorram nas épocas necessárias para garantir um bom desenvolvimento da safra. Além disso, a janela menor de plantio do milho 2ª safra também deixa em

alerta os produtores, que torcem para que as previsões climáticas se confirmem e as chuvas retornem ao estado.

Exportações seguem aceleradas

De acordo com as últimas informações divulgadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, as exportações do Paraná referente ao Complexo Soja (Grãos, Farelo e Óleo) continuam em ritmo forte. No acumulado de janeiro a setembro do ano corrente, o Paraná embarcou 14,8 milhões de toneladas, gerando uma receita de US\$ 5,2 bilhões. Em comparação com o ano de 2019, houve um crescimento de 46% em volume e de 41% em receita.

Cotações em alta

As cotações da soja continuam em alta. Esta semana os produtores paranaenses receberam, em média, R\$ 140,00 pela saca de 60 kg. Esse valor é quase 3% superior ao obtido na semana passada e cerca de 15% superior à média obtida em setembro.

TRIGO

**Engenheiro Agrônomo Carlos Hugo Wincler Godinho*

Atualmente, temos 79% do trigo do estado colhido. Esse percentual foi alcançado devido ao ritmo acelerado em virtude da ausência de chuvas. Além de favorecer a continuidade dos trabalhos, a seca tem antecipado o ciclo do cereal, podendo ser colhido antes do esperado. O lado problemático da ausência de água é que nem todas as lavouras conseguiram completar o enchimento de grãos, o que deve refletir em uma nova revisão da produção de trigo para baixo, a ser divulgada até o dia 29/10.

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

Apesar de não ser uma safra cheia, a expectativa é que a atual se mantenha acima dos três milhões de toneladas, o que deve garantir a rentabilidade da grande maioria dos produtores, dado que os preços voltaram a subir nesta semana.

Em Chicago, o bushel de trigo voltou a superar US\$ 6,00 atingindo a maior cotação desde maio de 2014. Esta cotação, multiplicada por um câmbio em patamar alto, faz com que o produtor esteja negociando sua produção a R\$ 70,00 a saca em algumas regiões do Paraná. Um recorde, mas apenas em termos nominais, não descontada a inflação.

TOMATE

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Cenário Mundial

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), a estimativa da produção mundial de tomate (*Solanum lycopersicum*) em 2018 foi de 182 milhões de toneladas. Comercialmente, 177 países cultivam o fruto e abastecem o mercado mundial, estando o produto presente na mesa da população nas formas in natura, molho e extratos. É um alimento nutricionalmente importante e com alta concentração de licopeno, um poderoso antioxidante, capaz de proteger as células do nosso organismo contra efeitos nocivos do excesso de radicais livres, reduzindo assim o risco de muitas doenças.

O Brasil é um tradicional produtor, e no mesmo período a produção estimada foi de 4,1 milhões de toneladas, 10º lugar no ranking mundial. Os quatro maiores produtores mundiais são China, Índia, EUA e Turquia, que juntos são responsáveis por 55% do total mundial produzido.

Cenário Nacional

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção comercial de tomate está distribuída em 24 (vinte e quatro) unidades da federação, e a estimativa da produção brasileira é de 3,7 milhões de toneladas. Os cinco maiores estados produtores são Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Bahia, que respondem por cerca de 78% do total nacional. O Paraná se encontra em quarto lugar no ranking nacional com 229 mil toneladas ou 6% do total produzido.

Segundo a Conab, o tomate é um produto de alta perecibilidade. Apesar do uso de variedades chamadas “longa vida”, ele é muito suscetível às altas temperaturas no momento da colheita, o que faz com que o produto acelere seu ciclo e concentre grandes ofertas em curto período de tempo, causando recuos no preço e reduzindo a rentabilidade do produtor. Assim, o escalonamento do plantio como manejo cultural é importante para que a colheita do produto se dê ao longo do tempo, reduzindo a ação das variações climáticas sobre o cultivo.

A semana se iniciou com preços mais altos, mas caíram no decorrer dos dias. Segundo atacadistas, os preços mais altos não se sustentaram devido a uma retração na demanda. Além disso, as altas temperaturas elevaram a velocidade da maturação do fruto, aumentando o volume disponível. Para a próxima semana, a oferta deve subir devido à intensificação da segunda parte da safra de inverno em Sumaré (SP) e o município de Paty do Alferes (RJ) deve ter pico de colheita este mês. Além disso, em algumas praças, as temperaturas devem seguir elevadas (Cepea).

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

Cenário Estadual

Conforme o Valor Bruto de Produção/2018, o tomate é um dos principais produtos da olericultura paranaense. No período, a área cultivada foi de aproximadamente 4 mil hectares, com volume produzido de 236 mil toneladas e valor da produção em torno de 522 milhões de reais.

Duas safras são cultivadas no Paraná, sendo que a primeira é conhecida como a safra das águas e plantada no período de setembro a abril, e a segunda como safra da seca semeada nos meses de janeiro a agosto. A safra 2019/20 que já foi encerrada apresentou uma área total das duas safras de aproximadamente 3,6 mil hectares, e um volume total de 221 mil toneladas. O rendimento da primeira safra foi de 59,6 toneladas por hectare e o da segunda, de 60,4 toneladas.

1ª Safra Tomate – 2020/21

Com 45% da área total semeada, a primeira safra 2020/21 apresenta uma área estimada de 2,2 mil ha, com o volume podendo chegar a 137 mil toneladas. Os núcleos de Ponta Grossa, Curitiba, Jacarezinho, Apucarana, Ivaiporã e Cornélio Procopio são os principais produtores desta safra.

LEITE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

O ano de 2020 tem sido atípico para a atividade leiteira. Assim como outros setores do agronegócio, a cadeia leiteira tem vivido uma época cheia de incertezas e diversas reviravoltas. Já

observamos neste período os preços pagos aos produtores e os preços no mercado varejista ora subindo e em outros momentos caindo. Por outro lado, empresas ora operando com estoques lotados e ora com dificuldades em encontrar matéria-prima.

No que diz respeito ao comércio, mais expressivamente a partir do segundo semestre, a situação melhorou: muitas redes de restaurantes e lanchonetes “fast-food” que ainda permaneciam fechadas, ou em situação de instabilidade, fato que vinha atrapalhado bastante o setor, tiveram permissão para reabrir, mesmo que ainda com algumas restrições devido à pandemia.

Acréscimo nos Preços Pagos aos Produtores

Assim como em outras regiões importantes em pecuária leiteira a nível nacional, no Estado do Paraná os preços pagos aos produtores pelo seu produto cresceram. Segundo os preços levantados pelo Departamento de Economia Rural (Deral), a média estadual dos preços recebidos pelos produtores em setembro de 2020 foi de R\$ 1,97 o litro, ou seja, 49% superior ao mesmo mês de 2019, quando o valor recebido foi de R\$ 1,32. Em relação ao início do ano de 2020 (janeiro), a alta até setembro foi de 46%, com preços passando de R\$ 1,35, para R\$ 1,97 o litro, respectivamente.

Na primeira quinzena de outubro, os preços têm se mantido em alta. Ainda segundo o Deral, na semana entre os dias 05 a 09/10, a média do preço recebido pelo litro do leite foi de R\$ 2,04, ou seja, 3,5% maior que a média de setembro (R\$ 1,97).

Razões para os Acréscimos

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

Alguns fatores atípicos em 2020 têm contribuído para o atual cenário de alta dos preços. Entre eles:

- A estiagem atrasou o desenvolvimento das pastagens de inverno, e agora prejudica o plantio e o desenvolvimento das forrageiras de verão, fator que tem retardado a produção de alimentos para as vacas leiteiras, ocasionando quedas na produção dos rebanhos, com consequente diminuição da oferta do produto no mercado;
- Valorização do produto no mercado “spot” (entre as indústrias);
- Consumo aquecido no mercado varejista em determinados momentos durante a pandemia e quarentena;
- Acréscimo nos custos de produção, gerado em grande parte pelo aumento nos gastos com alimentação dos rebanhos (alta da soja e milho);
- Acréscimo nas exportações de lácteos (que embora ainda sejam muito menores que as importações, tiveram um incremento em 2020 comparando-se ao ano anterior).

Rentabilidade e Investimentos na Atividade

Apesar dos produtores de leite estarem recebendo a mais pelo litro de seu produto, os custos de produção se elevaram em proporções ainda maiores, fora o fato muitos ainda estarem se recuperando financeiramente dos baixos preços praticados nos últimos anos, cenário que ocasionou até o abandono da atividade por muitos produtores.

Levando-se em consideração estes fatos, a atual época tem sido mais de recuperação de capital, por parte dos produtores do que de novos investimentos.

Outro fator que tem causado instabilidade à produção leiteira este ano, tem sido a severa estiagem dos últimos meses, o que ocasionou queda na produção, além da necessidade de maiores investimentos com a alimentação dos animais, justamente em um período de alta do milho e da soja.

Alta dos Insumos

A alta dos insumos tem restringido a melhoria da rentabilidade dos produtores, que tem usado boa parte da maior receita obtida com a alta do leite, para cobrir estes custos elevados. Segundo algumas fontes, os custos com a ração se elevaram em cerca de 53% e com farelo de soja 84%.

De acordo com o levantamento do DERAL, no acumulado do ano de 2020 (janeiro a setembro), o preço da saca de soja (60kg) se elevou em 57%, passando de R\$ 77,64 em janeiro, para R\$ 122,11 em setembro. Na comparação de setembro de 2019 (R\$ 73,54), a setembro de 2020 (R\$ 122,11), a alta foi de 66%. Portanto, altas maiores do que as observadas no valor do litro do leite pago aos produtores.

Assim como a soja, foram observadas altas elevadas também no milho, outro importante insumo que faz parte da dieta do gado leiteiro. Ainda segundo o Deral, na comparação entre setembro de 2019 e setembro de 2020, o acréscimo foi de 79% (alta superior à observada no valor do leite recebido no mesmo período), nos preços da saca de 60 kg, passando de R\$ 28,09 para R\$ 50,33 respectivamente. No acumulado do ano (janeiro a

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

setembro), a alta foi de 28%, passando de R\$ 39,19 em janeiro/2020 para R\$ 50,33 em setembro/2020.

Conclusão

Devido ao exposto no texto, que mostra uma situação de melhoria dos preços do leite, mas acompanhada de uma alta considerável nos preços dos insumos, principalmente os que fazem parte da composição da dieta dos animais, o atual momento pede cautela aos produtores. Muitos técnicos da área têm orientado os produtores a segurarem maiores investimentos neste período crítico (obviamente, investimentos que não são essenciais para as boas práticas de manejo, alimentação e sanidade, indispensáveis a uma produção de qualidade). Além disso, os produtores devem ficar atentos aos animais improdutivos, que geram altos custos dentro da propriedade e muitas vezes não pagam seus custos.

Apesar da crise, pandemia e estiagem, o atual momento é de otimismo e de recuperação da rentabilidade do setor leiteiro. Tem contribuído ainda para este cenário promissor o crescimento das exportações de lácteos, que se elevaram 25% em receita e 24% em volume no acumulado do ano (janeiro a setembro), comparativamente a igual período de 2019.

Portanto, neste momento os produtores devem agir com cautela, segurando investimentos que podem ser adiados. Isso não significa regredir na atividade e sim se resguardar para entrar mais fortes em um breve e promissor futuro da atividade leiteira.

AVICULTURA

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Preços em alta Avicultura de Corte

Preços ao Produtor

+ 7,2% no mês: De janeiro a setembro de 2020, o preço médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, cresceu 12,9%, situando-se em R\$ 3,86/kg. Já em relação ao mês de agosto, a alta foi de 7,2%;

+ 26,1% desde setembro de 2019: Considerando-se setembro de 2019, o preço do frango vivo ao produtor ficou 26,1% maior.

Preços no Atacado

+ 6,4% no mês: O preço médio do frango resfriado, no atacado, em setembro de 2020, ficou maior em 8,9% sobre aquele vigente em janeiro de 2020 (R\$ 5,96/kg). Já em relação a agosto passado, houve uma valorização de 6,4%, fazendo o preço atingir R\$ 6,49/kg.

+ 24,1% desde setembro de 2019: Considerando-se setembro de 2020 em relação a igual mês de 2019, o preço do frango resfriado ficou 24,1% maior.

Preços no Varejo

+ 10,2% no mês: De janeiro a setembro de 2020, o preço médio do frango resfriado cresceu 5,6%, partindo de R\$ 7,87/kg (janeiro) e chegando a R\$ 8,31/kg (setembro). Já em relação a agosto, elevou-se em 10,2%.

+ 15,7% desde setembro de 2019: Em relação a setembro de 2019 (R\$ 7,00/kg), o preço do frango inteiro resfriado está 15,7% maior em setembro de 2020 (R\$ 8,31/kg). Quando se analisa os preços médios de alguns cortes, tem-se (setembro/agosto):

Boletim Semanal* – 24/2020 – 16 de outubro de 2020

peito com osso (- 8,2%) e coxa-sobrecoxa com osso (+ 6,4%).

Referência: SEAB/DERAL/DEB

Exportações de carne de frango seguem em alta em 2020

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne de frango (considerando todos os produtos, entre in natura e processados) totalizaram 3,178 milhões de toneladas entre janeiro e setembro de 2020, número que supera em 1,3% o desempenho registrado no mesmo período de 2019 (3,137 milhões de toneladas).

No mesmo período, a receita acumulada pelo setor alcançou US\$ 4,619 bilhões, número 12,1% menor em relação ao registrado no mesmo período de 2019 (US\$ 5,253 bilhões).

Considerando apenas o mês de setembro, as exportações do setor totalizaram 345 mil toneladas, número 2,3% menor em relação ao alcançado em igual mês de 2019 (353,2 mil toneladas). Já a receita dos embarques totalizou US\$ 479 milhões em 2020, número 18,4% menor em relação às US\$ 587,2 milhões obtidas em setembro de 2019.

As exportações para o principal destino, a China, seguem elevadas em 2020, com 514,1 mil toneladas entre janeiro e setembro (+28% em relação a 2019).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!